



# AZUL



ANNO I.º

Pela Arte

TOMO I.º

Director: Thiago Peixoto.

Curitiba, 8 de Julho de 1900

## Inverno

A Dario Vellozo

**I**nverno! Inverno! duro espicula alfinetante dos gêlos; atroz phantasma nebuloso da humida Siberia triste, que vens rolando ás fortes enchurradas polares das luas-novas de Junho, eu sinto a tua espinescente algidez de mor-

Detesto-te, ó exótico pesadello torvo, quando mortificas a minha sensibilidade toda, fustigando o alaore relicario dos meus affectos puros!...

Sinto-te, apalpo-te; ouço o teu soluço cavo no ronronar da venta-

te, como se fôra a sangradora unha torsa de um urso branco da Greolandia, ferir as phantasias bizarras do meu sonho!...

Inverno!.. Inverno!.. sepulchro das minhas emoções moças, que mumificas as nuas fórmas anachreonticas e pindarescas dos plectros; tu, que na superficie alagada dos marnéis queimas, com a impiedade dos teus suspiros de neve, os amollecidos tufos modorrentos dos lyriaes do norte; tu, espectro sombrio das tristezas zodiacaes do Anno, fazes tambem rolares nas enchurradas das luas-novas de Junho todas as minhas calmas esperanças verdes, nascidas ao clarear das grandes estrellas rutilas do estio...



nia humida, e te pões então a escarvar o largo chão duro por onde desfilaram, como sombras defunctas, as claras alegrias aureaeas das paixões antigas...

Gêlos da Irlanda! Gêlos da morte!.. Eis as cinzas fugidas dos meus desejos que se vão, revoltos, atravez da levadia onda zimbradora dos pesares, por onde eu avisto um

ultimo aceno demorado de risos que não voltam...

Inverno! Inverno! Deixa-me afogar agora, n'um ultimo raio quente de lagrima, a vaporosa lagrima adusta das minhas queridas magoas inspiradoras...

Vae-te, sepulchro algido e torturante dos meus sonhos!...

Nestor de Castro.

"Ephemeris"

# Nestor de Castro

**N**entre os bellos espiritos litterarios que florescem nestas terras, um dos que mais nos merece admiração é o desse artista cujo bustoahi está no portico do «Azul».

*Conteur* d'uma sensibilidade angelical, quando elle evoca um perfil amado de virgem morta; a sua phrase tem o roxo triste das flores mortuarias, cujo perfume evola-se para o alto; para as estrellas, para o Reino supremo do *Mysterio Absoluto*.

Mas o que, a nosso vêr, caracteriza a sua encantadora feição litteraria é a doçura, é o amor, é a affeição, a piedade com que falla d'uma creança, d'um lyrio morto, d'uma monja, d'uma illusão extincta.

Quando retrata um painel, apanha no espaço «o borboletear alegrossimô da luz da manhan, como um riso infantil, na verdura humida das hervagens tenras e sadias; o surdir hilariante da vegetação que se acotovela, que se enlaça, que se beija, que se estrangula cheia de uma mocidade barbara e violenta, d'uma candura ingenua e virginal».

As scenas medievas tem nelle um enamorado. Mas, o que sobretudo admira, é quando photographa a humanidade com suas dores, suas paixões, seus abysmos.

E, diremos, como Cruz e Souza, referindo-se a um parahaense notavel:

“Para arrancar paginas supremas como essas, não é preciso somiento ser sol; é preciso baixar á Terra e debruçar-se na corrente de todas as dores humanas.”

**BRINDES**, a flammula ardente do seu talento, que desfraldou ante os Templarios, poz em evidencia a sua linha pura de belleza, cheia de exquisitas paisagens de magnificencia austera.

Em cada conto daquelle relicario de auroras fulvas e de occasos rubentes, sente-se o soluço emocionante e nobre do seu desejo febril; em cada phrase, requintada de essencias e de sons wagnerianos, sente-se a explosão da sua Fé transcendentalisada e na selecção retorcida da Forma bizarra, vibra o seu erotismo exotico artisticamente esthetisado e palpitante.

Ultimamente a cerebração artistica desse moço tem se desenvolvido poderosamente e o novo livro que elle tem a sahir dos prelos será uma revelação opulenta do seu talento immenso, será o mensageiro, o portador de toda a luz do seu espirito.

Alem de tudo a robusta intelligencia de Nestor é engrinaldada pela belleza magestosa de sua alma.

E o talento que repousa serenamente no throno das consciencias rectas, no sacrario dos corações bem formados, é o que mais nos merece veneração.

O *Conteur* dos Brindes, que tão alto tem o seu nome, queira aceitar o affecto e admiração da Mocidade do “Azul”.





# MISSISSIPPI COLUMBIAS

## II

**E**ssa q' se agora está n'um mundo imaginario  
Onde passa o nevoeiro a murmurar canoro,  
Ea nesta existencia a luz e o sanctuario  
Da minha Crença e o sol da minha Idade de ouro.

Inda a vejo através do meu sonhar plenario,  
Como o doce sorrir d'um festival agouro,  
Branca e sempre a luzir no rutilo Estrellario,  
Sentinella eternal vestindo o meu Thesouro...

Nessa paragem muda onde Ella tem seu leito  
De flores sidraes e de brancas espumas,  
Alvos Séres do Olympo vão render-lhe preto.

Pelas restecas da luz que desce dos espaços,  
Além do denso véo rendilhado de brumas,  
Essa Estrella, sorrindo, inda me estende os braços.

## III

**A**ntes outras tambem se foram pelo ethereo  
Caminho que conduz aos paranos luzentes,  
Doces como o sorriso immaculo e sidereo  
Das Virgens do luar dos Sonhos resplendentes.

Todas vivem no *Alem de Sonho* e do *Mysterio*!..  
—Todas vivem nest'Alma entre cyrios ardentes!  
Se est'Alma, agora em luto, é o vasto cemiterio  
Das mortas Illusões que repousam silentes.

Toda a terra ficou n'um silencio de nave  
Quando a Flor do meu Sér, sem um gesto blasphemio,  
Se evolou para o céu como alva penna d'ave.

Meu coração que outr'ora amava o sol e a tudo  
E que tudo sentia á flux d'um gozo extremo,  
Vaga no mar da vida amortalhado e mudo.

Generoso Borges.

## Oração pagan

Como a arcada final da symphonia fecundante da floresta, immobilisava-se aquella nota branca de mulher, n'uma pose de mármore sonhado, embalada pela adormecedora ladainha dos murmurios. O seu corpo tenuisava-se numa tão grata doçura de côr como si fosse uma fôrma da luz! As linhas, mais adivinhadas do que vistas, diffusas, esbatendo-se na suavissima luz esverdeada do *sous-bois*, parecia diluirem-se, dissolverem-se na tonalidade das manchas que, em volta, dançavam numa ondulação caprichosa de reflexos. O ar afagava-a, condensando-se, numa irradiante brancura lactescente. Loira, de um loiro quente como um pedaço de areal africano, os olhos frígidos, rebrilhantes, como pedacitos de porcelana azul, embevecidos n'alguma espiritualisante chimera, dilatados na nostalgia das claridades atravessadas, dava a sensação immaterial de uma alma, uma concentração bizarra de calor e neve, alguma coisa de frigidamente doirado como um beijo do Inverno dado no coração do Sol.

E, no entanto, a nossa aguçada sensibilidade meridional cabriolava em gargalhada de ironia àvida, afugentava a carícia invisível dos Faunos, bafejando, em surdina, odes anacreonticas, e fazendo agitar flocos de pennugem tenue, muito aninhada, como trechos de um trigal, loirejando, aos laivos, numa geleira. Os desejos aureola-

vam-n'a em prece submissa, diziam canções, sublinhavam malicias, espumavam raivas, e, impotentes, de aza cahida, num ridiculo cansaço don-juanesco, tombavam como flexas aladas que investem contra a rijeza metallica de uma couraça; agonisavam, de olhar morno, sob a frieza invulneravel e altiva daquelle sorriso algido.

E ao som do minuet de uma cascata arranjada á moda do grande seculo, num mythologico revestimento de azulejos, puz-me a adorar aquella pincellada de leite e oiro, embevecimento beatifico de um grego, na espiritual abstracção da sonhada Curva, sepultado já na nostalgia dos céos hellenicos, na branca visualidade de columnatas e porticos, e sonhando vêr cahir das mãos amorosas de Jupiter o pomo da eleição e uma voz segredar, entre os loureiras: *belleza unica!*

Um fremito correu na cathedral das folhas como uma litania de almas transmigradas, vozes condemnadas, vagueando sobre a Fôrma Eterna pelo crime de um desejo insatisfeito, gemiam: *meu amor! meu amor!* e sob o cortejo dolorido e trapejante uma oração rolou no latejar das minhas arterias, cahiu tumultuosa dos meus labios tremulos:

— Ideal pagão! phantasma austero e justo que acompanhas numa poeirada de estrellas a caravana aureolal dos Idealistas, cantando numa ancia de perfeição intangivel: antiga e eterna preocupação do impeccavel, tu vi-

ves pela imaginada Curva, imolando, num desdém altivo toda a carícia que não seja fria. Todos te possuem, todos te sorriem, todos te enviam cartas em que ha phrases que levam um momento a pensar e seculos a escrever, muitos se suicidam no teu regaço e tu és sem macula, ó Rainha! A tua Alma rolará no rythmo das espheras, cheia de Belleza e vestida de Graça, tu dirás parabolás no céu, entre fronte olympicas e desgraçadas, descerás aos infernos remir os captivos que uma justiça transitoria e vã sepulta na ignorada treva, terás muitos anjos a acompanhar-te, e libertarás, num beijo, a Satan, o revoltado de genio. O que tu disseres será cantado de sol a sol e repetido num côro votivo, confessarás nos cadafalsos e visitarás muitos filhos pelos hospícios; serás consoladora, ó Mãe! Reinarás na Luz primitiva que expulsou as sombras, terás os primeiros hymnos das primeiras almas, e extincta Luz no cansaço secular dos Brilhos, tu permanecerás como uma lampada inextinguível de sacrario, de onde irradiará um luzeiro novo que ha-de expulsar as trevas. Eia, pois, Toda-Poderosa, digna lançar sobre nós o olhar redemptor e cheio de reflexos creadores, e dá-nos a Fé

nunca vacillante e a Esperança sempre cheia de cantares. *Amem.*"

E como a lua a viera buscar numa inundação rumorosa de symphonias galantes, em traje de Pompadour, polvilhada de atomos brancos como se cabricasse de um baile de carnaval dado nas profundezas do azul, a clara apparição pagan evolou-se como uma bruma do valle e desappareceu nas ondulações infinitas, sempre sorrindo e sempre cheia de frieza, entre uma cohorte de antigos Marmores, para um Templo feito de claridades immortaes...

Vi-a hontem, de golilha alta e seio casto, a essa hora cheia de delicadezas de luz, cendrada e fina, em que um poente verde-esmeralda silhouettava, em sepia, a gracilidade esguia dos campanarios. Toda altiva de soberana pose, o busto senhoril e raro, atravessou uma praça entre a multidão acotovelante e grosseira: os janotas olhavam-na espantados, na mystificação idiota de bufalos.

E como me viesse, ao *five o'clock absinthe*, num terraço de café, entre um grupo radiante de Artistas, sorriu-me, acenando-me, de longe, com o seu leque de plumas brancas.

JOÃO BARREIRA.





# Olhos verdes

**C**omo uma Rainha de balada medieval, tu vivias no mirante engratado de flores de laranjeira e circundado do luar das tuas deliradas illusões de noiva.

Subiste, como a Nossa Senhora, n'uma ascensão de sonhos e de estrellas, nas azas aladas da chimeira, para o claro alto refulgente d'esse céu de esperanças, onde as madrugadas peregrinas desabrochavam aureolando o teu solar azul de lyrio.

Mas a rajada do infortunio atirou-te, borboleta ideal, para os marnéis algidos da realidade esmagadora, como uma flôr da manhan que o vento atreja nos braços abertos dos madeiros erguidos no meio das estradas desertas.

E o sopro agreste do destino, jogou-te, borboleta ideal! nas paredes humidas do convento triste, que repousa, como um grande passaro nectívago, entre o ramalhar dos cedros e das cazuarinas.

Monja branca e fria!

E's uma estrella d'oiro que o branco nevocíro velou no manto seráfico do Azul.

A suave terra onde nasceste, a tua terra encantadora, ficou longiquamente para lá das serranias cobertas de neve e que o crepusculo agora ennevôa e entristece.

Lá ficou exposto ao sereno glacial das noites de inverno, entre as rozas abertas do campo santo, o teu doce e loiro enamorado.

Tudo trocaste, os teus alegres vestidos côr de roza avelludados, por esse longo habito negro, que te envolve, alvorada do céu!

Deixaste as madrugadas frescas e illuminadas do campo reflorescido, pelo pallôr enervante do luar

Ao Amelio Santa Ritta

silencioso que penetra melancólico como um doente, por entre as grades antigas do convento.

Orai pelos sonhos mortos d'essa creança que o martyrio dá a exelsso resplendor de Santa!

Orai por ella, vós outros, noivos ditosos que andaes a sorrir pela estrada da vida.

Orai pela esperança desfeita d'essa monja fria como o marmore algido de um sepulchro; orai por essa monja que hoje só tem como uma ironja infinita, a côr da esperança nos olhos verdes, coroados já pelo roxo das olheiras.

O doce menestrel que ella amou, dorme de plumas e de clinos, na cova fria tufada de lilazes e de açucenas da aldeia.

Virgens que cantais, emoitando flores, a luz da tarde: orai por essa creança quazi morta!

Orai pelos sonhos esmagados dessa alvorada desfeita!

Orai por esses olhos verdes que fluctuam agora sobre ruínas de sonhos e de tumulos, como a esmeralda d'um eypresto balouçando-se sobre lageas funerarias.

Piedade, Jesus! para essa creança de olhos da côr da esperança!

Piedade para esse lyrio, que viu tudo que amava, morrer em derredor!

Ella está só no mundo boiando entre saudades!

Rezai por ella, virgens do céu!

E pelos olhos verdes, Senhor!

*Santa Ritta Junior.*

## SUPPLICA

*Ao Elydio Werneck*

**D**izem sinos n'um tom de magoa que apavora  
 Tanto como do vento o soluçar funereo:  
 Elza, a loira, partio ao despontar da aurora  
 Para a longe Região do Nada e do Mystério.

Anjos, almas de luz onde a piedade mera,  
 Vós que á noite tangeis um rutilo psalterio,  
 Guiai-a pela mão, não n'a deixeis agora  
 Vagar tristonha e só por esse espaço ethereo.

A sorrir, a sonhar, Ella partio tão pura  
 Para junto de vós que viveis entre flores  
 Aos pés do alma Jesus nessa infinita Altura . .

Oh! guiai-a por Deus, ensinai-lhe o caminho . .  
 E para Ella pedi á Senhora das Dores  
 Um olhar de piedade, um maternal carinho.

*Adolpho Werneck.*

## LENDO

**F**óra o ceo d'um azul dia-  
 phano canta uma roman-  
 za dulcissima de amor, em-  
 quanto que sob uma retea  
 benefica de sol que acaricia-  
 me os pés, leio recostado  
 ao divan um conto littera-  
 rio. Interno o espirito na-  
 quella paisagem subtil do  
 poeta, daquelle colorido bel-  
 lissimo onde sob a copada  
 do arvoredado do pequeno jar-  
 dim, medita Eloina a palli-  
 da sonhadora, a poetica a-  
 mante do ideal superno.

Vejo-a e pela mente per-  
 passa-me a idea de roubar-  
 lhe um beijo á sua cabellei-  
 ra farta, cujas madeixas de

ouro esvoaçam ao leve soprar  
 da brisa. Contemplo-a bran-  
 ca, alva como os lirios do  
 valle, olhos immoveis, fitos  
 na pagina da novella e mi-  
 nha alma desprendida para  
 essa vida ideal, vida de poe-  
 sia e affecto, muito além  
 deste mundo cruel que nos  
 prende, gosa a frescura d'a-  
 quelle paraíso, onde os raios  
 do sol coando-se pela ala-  
 meda deusa, doma o chu-  
 veiro sussurante do artistico  
 répucho que se visa além.  
 Fujo, e ainda diviso ao longe  
 sob a verde folhagem da  
 relva e dos roseirões flori-  
 dos, o seu perfil beatifico  
 de santa . .

*Nicolau dos Santos.*

## Arte de amanha

(Barlet e Lejay)

Continuação.

Em outros, estes sentimentos **desapparecem** para dar logar a uma grande admiração ante a harmonia de cores tão variadas no mesmo tom ou quasi, tão nuancadas, tão bem graduadas, ante o effeito de luz a um tempo vigoroso e diffuso, quente e flaccido, e cujo segredo Rembrandt possuia. Eis o effeito da Belleza absoluta que emociona a intelligencia.

Indubitavelmente o auctor poderia, se o quizesse accentuar um dos dous effeitos em detrimento do outro: artista menos perfeito que Rembrandt ter-se-hia levado a um ou a outro excesso. Ouvimos sempre dizer que, *por temperamento*, uns artistas proclamaram de preferencia a Belleza absoluta, outros a Belleza relativa, nascendo assim duas obras de caracteres inteiramente differentes; uma se impondo pela Belleza intrinseca da forma, a outra pelo sentimento do artista.

Não é sem causa que vimos de invocar o exemplo de Rembrandt que prova não datar de hontem o realismo. O realismo entretanto, não convem a todos os temperamentos artisticos; para muitos seus assumptos parecem excessivamente vulgares, indignos da Arte. Para estes as duas especies de Belleza que acabamos de assinalar se reproduzem em tom mais elevado, mais apurado e mais intenso.

Pretendem despertar o sentimento humano?—Então, applicam-se mais particularmente á disposição nobre e dramatica da scena, aos contrastes energicos do claro-escuro. Teremos nesse caso, para citar ainda o genio assaz fecundo de Rembrandt: O Anjo Raphael e Tobias, ou Jesus curan-

do os enfermos,—tela admiravel em que a luz, espiritualizada pela cabeça do Christo, se torna o centro da acção.

Accaso o artista espiritualista prefere a Belleza absoluta? Que se dirija directamente a ella: e, então, tudo que a forma tem de material, côr, modelo, sombra, desapparecerá. A linha e a cor simples restarão apenas com todo o valor symbolico; banhadas em luz uniforme e immergente. Affinizará o possivel o véo corporeo afim de que a Idéa transpareça mais viva, e essa idéa será a do proprio espirito, da fonte de toda Belleza, qualquer que seja o nome sob que se a designe. E' preciso remontar aos primitivos e mesmo aos Byzantinos, para encontrar os mais nitidos exemplos do genero.

Eis quatro escholas principaes:

Duas que se dizem da Belleza absoluta; o IDEALISMO *simplista*, conforme a expressão de Sully Prudhomme, vizando o Absoluto representando em nudez quasi completa, envolvendo de luz alvissima a forma reduzida ao minimo.

E o REALISMO, que o mesmo poeta suppõe grosseiro, porque se leva a todas as minudencias, a todas as riquezas, a todas as harmonias da forma para surpreender a materia no momento em que manifesta sua essencia.

---

### Expediente.

O AZUL será publicado quinzenalmente.

### ASSIGNATURA:

2 mil rs. por trimestre.

### REDACÇÃO:

Praça da Republica N.º 4.

Typ. „Der Beobachter“

Travessada Proclamação Nr. 5,  
CURITYBA,